

RESENHA

LIMA, Nísia Trindade. *Um Sertão Chamado Brasil*. São Paulo: Hucitec; 2013. 2 ed., aumentada.

*Camila Teixeira Lima**

A discussão do sertão como uma espécie de metáfora do país é o que estrutura o livro *Um Sertão Chamado Brasil*, de Nísia Trindade Lima. Em sua segunda edição aumentada, publicada na coleção Pensamento Político-Social, consta um novo prefácio da autora e acréscimo de dois artigos: “Uma Brasileira Médica: o Brasil central na expedição científica de Arthur Neiva e Belisário Penna e na viagem ao Tocantins de Júlio Paternostro” e “Brasília: a capital do sertão”. Sua primeira edição, de 2003, foi publicada pela Editora Renan em parceria com Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro. Nísia Trindade Lima é atualmente professora do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde e pesquisadora da Casa Oswaldo Cruz/Fiocruz.

O lugar privilegiado do sertão como categoria chave na imaginação sobre a modernidade brasileira, todavia, é apenas um dos ângulos de análise exposto no livro. Embora essa chave interpretativa seja uma das grandes contribuições de *O Sertão Chamado Brasil*, o grande salto analítico da autora é analisar como as valorizações negativa e positiva sobre o sertão se relacionam não apenas com as ambivalências dos intelectuais sobre o tema da identidade nacional, mas também sobre a formação de sua própria identidade. De acordo com a autora: “o processo de elaboração

* Doutoranda em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Recebido em: 19/11/2015 – Aceito em: 02/02/2016.

de novas interpretações sobre o Brasil foi, ao mesmo tempo, o de constituição da identidade desses novos atores sociais” (2013:25).

A tese central que correlaciona essas duas questões tratadas em *O Sertão Chamado Brasil* – elaboração de novas interpretações sobre o Brasil e constituição da identidade dos intelectuais – é a continuidade do diagnóstico de uma dualidade constitutiva da formação do Brasil. Esse diagnóstico diz respeito à polarização espacial e simbólica de duas formas de ordem social: uma civilizada, letrada, moderna e cosmopolita; outra bárbara, analfabeta, refratária à modernização e isolada. *O litoral e o sertão*. Como mostra a autora (2013:19), essa perspectiva dual não foi singular ao pensamento social brasileiro, o contraste tipológico de duas formas de ordem social, “estruturalmente distintas e historicamente sucessivas”, foi uma perspectiva predominante na sociologia do século XIX. A percepção de dois *Brasis*, portanto, é proveniente da visão linear e progressista dominante na época. Há, todavia, afirma Lima, singularidade na perspectiva dual brasileira: “Aqui, o contraste ocorreria não entre formas distintas e historicamente sucessivas, mas pela justaposição de épocas históricas” (Idem, *Ibidem*). Citando Roger Bastide em *Brasil, Terra de Contrastes* (1978) a autora fornece uma boa imagem para entendermos a justaposição de épocas históricas das duas ordens sociais brasileiras: “o viajante que partisse do litoral para se embrenhar no interior assistiria ao milagre da máquina de remontar o tempo” (Bastide apud Lima, 2013:18).

Perceber a continuidade e recorrência dessa dualidade no pensamento social brasileiro é bastante perspicaz, pois o sertão, que é central para entender tal dualidade, nunca foi um objeto de fácil apreensão, tendo em vista que é uma categoria difusa e que foi formalizada, positiva e negativamente, por vários intérpretes do Brasil. A empreitada se torna ainda mais interessante porque essa dualidade não fala apenas de dois espaços geográfico e simbolicamente distintos, mas sobre “tipos” de sujeitos também antagonônicos: os sertanejos e os civilizados do litoral. E embora essa polarização, de que fala *O Sertão Chamado Brasil*, implique uniformização e generalização dos sertões e dos sertanejos,

a autora consegue, de um lado, evidenciar as interpretações que homogeneizam, a partir dos pares antitéticos sertão/litoral; e, de outro, mostrar a heterogeneidade de interpretações e valorizações em torno do sertão e do sertanejo. No polo que unifica e generaliza, temos o sertão amazônico (noroeste); da caatinga (nordestino); central (centro-oeste) e dos chapadões (do Sul) como espaços e sociabilidades comuns onde predominam a inércia, o atraso, a ignorância e a ociosidade. É tudo o que é distante, o que não é moderno e nem civilizado. Segundo a autora:

Por mais imprecisa que seja a definição espacial e social do sertão, boa parte dos intelectuais que se voltam para o tema focaliza, de forma positiva ou negativa, a camada intermediária das áreas rurais brasileiras – a dos ‘homens livres na ordem escravocrata’, a dos vaqueiros, barqueiros, tropeiros, pequenos sitiantes, agregados e parceiros – vista, muitas vezes, como partícipe de um mesmo universo cultural e de um modo de vida pré-capitalista (2013:282).

No outro polo vemos o indígena, o caipira, o jagunço, o gaúcho, o forte, o doente, o sertão das matas, da seca, o lugar da autenticidade, do atraso, o parasita, o cerne da nacionalidade, o pior obstáculo ao progresso do país, o lugar a ser civilizado. Uma pluralidade de tipos, heróis e anti-heróis nacionais.

Para tratar dessa miscelânea de imagens sobre o sertão e o sertanejo, que são unificadas, todavia, nas antíteses sertão/litoral, bárbaro/civilizado e atrasado/moderno, a autora recorre à interpenetração de sertões e viagens. Essa interpenetração não é aleatória. Se o sertão é o que é distante e o sertanejo, “o outro” – o estrangeiro em sua própria terra, para usar uma imagem registrada por Euclides e lembrada por Nísia Trindade Lima –, as viagens seriam imprescindíveis para a ligação “desses dois *Brasis*”, para o encurtamento das grandes veredas. A autora escolhe analisar, portanto, quatro importantes “missões ao interior”, expedições “civilizatórias” que tinham como objetivo conhecer o interior, demarcar fronteiras, utilizar os recursos naturais

desses espaços a serem incorporados, sanear, povoar e promover a integração econômica e política.

A primeira dessas viagens analisada, na verdade, a de Euclides da Cunha ao arraial de Canudos, tinha um objetivo ainda mais específico. Euclides tinha ido como emissário da República acompanhar a quarta expedição (1897) enviada para destruir Canudos, Antonio Conselheiro e seus seguidores. Os diários de expedição de Euclides da Cunha resultaram no clássico “Os Sertões” (1902), que se tornou uma importante matriz interpretativa do Brasil. Embora não tenha sido esse autor o primeiro a propor a dicotomia sertão/litoral – segundo a autora o feito é atribuído à Visconde do Uruguai –, com o seu clássico já citado, Euclides foi o responsável por solidificar tal imagem, contínua no pensamento social e objeto de análise principal do livro.

Com a famosa frase “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”, Euclides formaliza um sertanejo que podia ser um degenerado, mas não era um retrógrado, como os copistas do litoral. Bruto, sem estoque cultural, bárbaro, isolado, o sertanejo era, no entanto, um autêntico, o cerne da nacionalidade. Com a forte imagem de um Hércules-Quasímodo, o sujeito do sertão era como a vegetação a sua volta: arrasado pelas condições mesológicas, torto e com aparência frágil (Quasímodo), mas com força suficiente para se *transfigurar*, resistir e lutar (Hércules). Apesar de toda valorização positiva, para ser o herói nacional o sertanejo precisava ser civilizado. Mas a civilização pertencia ao litoral. Dessa forma, como salienta Nísia Trindade Lima: “as posições entre litoral e sertão não seriam inconciliáveis, mas passíveis de solução através de um projeto nacional que incorporasse efetivamente o interior do país” (2013:121). O repertório de Euclides - “é preciso modernizar”, “tirar o povo do atraso” e “eliminar os traços arcaicos” - denunciava uma separação entre esses dois polos antagônicos, passíveis, no entanto, de integração via um processo civilizatório.

As segunda e terceira missões escolhidas por Lima apresentavam um “teor civilizatório” muito preciso. A campanha sertanista de Cândido Mariano da Silva Rondon tinha como missão principal construir linhas telegráficas do Mato Grosso à Amazônia.

Comunicação, integração dos sertanejos e vigilância das fronteiras eram os objetivos de tal empreitada. Essas atividades da construção de linha telegráfica remontam ao início de sua carreira de oficial do Corpo de Engenharia Militar, na passagem do século XIX ao XX. Na intenção de promover uma integração de comunicação do grande sertão do Noroeste, que ia de Cuiabá até Santo Antônio da Madeira, no Norte do país, Rondon recolheu importante material sobre aspectos da fauna e flora brasileira, descobriu rios, erros cartográficos e tribos indígenas. O sertanejo de Rondon não era o mesmo de Euclides da Cunha e nem o sertão era o mesmo, o de Rondon o do Noroeste, o de Euclides o sertão da Bahia no Nordeste brasileiro, mas, de acordo com Lima, o diagnóstico era comum: abandono que sucede os surtos do progresso, imagens de cidades mortas, isoladas e ignoradas pelas elites políticas e intelectuais.

Os outros retratos do Brasil analisados pela autora e formalizados nos relatórios e diários de viagens de Júlio Paternostro ao Tocantins e de médicos e cientistas da Instituição Oswaldo Cruz ganham ainda mais profundidade analítica em um dos artigos acrescido à essa segunda edição de *Um Sertão Chamado Brasil*: “Uma Brasileira Médica: o Brasil central na expedição científica de Arthur Neiva e Belisário Penna e na viagem ao Tocantins de Júlio Paternostro”.

A partir dos retratos expostos por essas viagens, Nísia Trindade Lima demonstra a descoberta de um Brasil desconhecido e ignorado: o Brasil doente. Em oposição ao sertanejo forte de Euclides da Cunha, Paternostro e outros intelectuais e médicos associados ao Instituto Oswaldo Cruz relatam sertanejos cansados, fracos e assolados por doenças como as de Chagas, Malária e Febre Amarela.

Os relatos de Júlio Paternostro são resultados das suas duas viagens ao Tocantins (1934-38), quando integrou o Serviço de Febre Amarela, criado por um convênio entre governo brasileiro e a Divisão Internacional de Saúde Pública da Fundação Rockefeller (Lima, 2013: 313). As viagens científicas do Instituto Oswaldo Cruz, por sua vez, levaram médicos e cientistas a várias regiões do país com três objetivos complementares: realizar trabalhos

profiláticos; promover atividade exploratória e efetuar atividade de base econômica – construção de ferrovias, saneamento etc. Dentre as viagens mais importantes promovidas por esse Instituto, a autora destaca duas: a) A ida de Carlos Chagas e Belisário Penna, em 1907, ao centro do país para realizar a profilaxia da malária na construção da estrada de ferro Central do Brasil. Foi nessa viagem que Carlos Chagas se tornou um médico famoso pela descoberta de uma doença transmitida por um inseto hematófago, o barbeiro, a popularmente conhecida doença de Chagas; b) a viagem em apoio às atividades da Inspetoria de Obras Contra as Secas. Nessa viagem, médicos e cientistas ficaram responsáveis por realizar um inventário das condições epidemiológicas e socioeconômicas das regiões do São Francisco, Nordeste e Centro-Oeste. A partir dessa viagem, Arthur Neiva e Belisário Penna formalizaram novas imagens e interpretações dos sertões e dos sertanejos do país.

A autora revela como o conjunto de interpretações que surgiram dessas viagens solidificaram uma nova imagem desse *outro Brasil* em contraposição às imagens ufanistas e românticas comuns na época. Seguindo essa trilha, Lima demonstra como a frase do médico Miguel Pereira (1916): “O Brasil é um imenso hospital”, representou uma reação às interpretações que afirmavam a força do sertanejo, como as de Euclides da Cunha. O personagem desse novo Brasil é o Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, que, para este, representava o caboclo brasileiro: “piolho da terra”, “parasita” e

“o principal obstáculo ao progresso do país” (Lima, 2013: 165). Mas para que a integração do Brasil fosse possível e o país se tornasse moderno era necessário curar, alfabetizar e civilizar esse sertanejo.

Ao analisar o conjunto dessas interpretações do Brasil, com foco nos relatos de viagens, a autora demonstra como a visão dualista litoral/sertão é transversal a todas essas imagens, apesar de evidenciar a elaboração de retratos distintos e, por vezes, opostos. O interessante dessa análise, é que Nísia Trindade Lima não trata a imaginação sobre Brasil do litoral e dos sertões apenas como retórica. O discurso é *interessado*, possui uma força ativa construtora do processo. Não é que os intelectuais criem a nação,

mas discurso e processo se interpenetram, porque essas mediações, dos intelectuais e retratistas, promovem um retrato que também constrói. A construção da identidade nacional e a formação do Brasil moderno, como bem mostrou a autora, é um momento interessante para pensar tanto os esforços para interpretar o Brasil, quanto os esforços para constituir esses novos atores sociais. A polarização entre *os dois Brasis* e as formalizações do abandono, isolamento, doenças, analfabetismo dos sertões colocaram em cheque o desprezo das elites políticas e intelectuais que foram entendidas como as responsáveis pela integração do país. A matriz dualista que é constitutiva de todo esse processo, segundo a autora, não revela apenas a oposição entre atraso e moderno, civilizado e barbárie. Revela também uma dualidade entre uma civilização de copistas e uma autêntica. O isolamento dos sertões cria uma aura no sertanejo despojado das influências dos atlânticos. A denúncia de Euclides, defendida e relembrada por Guerreiro Ramos anos depois, é reafirmada nos relatos que demonstram os descasos e abandonos com os sertanejos e os sertões. Os civilizados do litoral, entre eles os intelectuais – “os desterrados na própria terra”, expressão conhecida de Sérgio Buarque de Holanda e relembrada mais de uma vez pela autora - conhecem mais do estrangeiro do que de seu próprio país.

E é por isso que é esse um momento também importante de autorreflexão identitária dos intelectuais, marcadamente preocupados com o que a autora identificou como *nation-building*, uma ideologia de participação e construção da nacionalidade (Lima, 2013: 282). O que é ser um intelectual numa sociedade de maioria analfabeta? O que é ser um intelectual numa sociedade dividida, polarizada? Como usar esse privilégio se não na denúncia e no ataque às desigualdades? É nessa trama que a construção da nacionalidade e dos próprios intelectuais se cruzam no sertão de Nísia Trindade Lima. *Um Sertão Chamado Brasil* traz uma contribuição importante para o pensamento social brasileiro. E para todos aqueles que se interessam pelas veredas das formações nacional e intelectual do Brasil ou pelo nosso país de dentro, este livro se torna uma referência indispensável.

